



**TELECONFERÊNCIA NACIONAL  
ITAÚ UNIBANCO HOLDING S.A.  
Resultados do Terceiro Trimestre de 2011  
03 de Novembro de 2011**

**Operadora:** Bom dia. Obrigada por aguardarem. Esta é a teleconferência do Itaú Unibanco Holding S.A. em que serão discutidos os resultados do terceiro trimestre de 2011.

Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e mais tarde será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para os senhores participarem. Caso necessitem de assistência durante a teleconferência, teclem “asterisco zero”. Cabe lembrar que esta teleconferência está sendo gravada e transmitida simultaneamente pelo site de relações com investidores [www.itaunibanco.com.br/ri](http://www.itaunibanco.com.br/ri). Os slides desta apresentação estão disponíveis no site.

Antes de prosseguir, esclareço que eventuais declarações feitas durante esta teleconferência sobre as perspectivas dos negócios, projeções e metas operacionais e financeiras são meras previsões, baseadas nas expectativas da administração em relação ao futuro do Banco. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. Portanto, estão sujeitas a mudanças.

Conosco hoje em São Paulo estão os senhores **Alfredo Egydio Setubal**, Diretor de Relações com Investidores; **Sérgio Ribeiro da Costa Werlang**, Vice-Presidente Executivo de Controles de Riscos e Financeiro; **Caio Ibrahim David**, Chief Financial Officer; **Rogério Calderón**, Diretor de Controladoria Corporativa e Relações com Investidores; **Marco Antunes**, Diretor de Contabilidade; e **Rodolfo Henrique Fischer**, Vice-Presidente do Itaú BBA.

Inicialmente o Sr. Alfredo apresentará os resultados do terceiro trimestre de 2011. Depois os executivos responderão às questões formuladas por telefone e e-mail.

Agora eu passo a palavra ao sr. Alfredo Setubal. Por favor, pode prosseguir.

**Sr. Alfredo Setubal:** Bom dia a todos. É um prazer estarmos aqui com vocês para apresentar os resultados do terceiro trimestre.

Para aqueles que estão seguindo pelas telas, pela Internet, vamos iniciar pela tela número 2. Os principais destaques desse terceiro trimestre. O resultado recorrente de R\$ 3,9 bilhões, foi um trimestre em que apresentou um crescimento em relação ao segundo trimestre de 18,8% e um retorno sobre o patrimônio líquido anualizado de 23,5%, bastante melhor em relação ao



apresentado no segundo trimestre. O resultado contábil, tirando os ganhos extraordinários, foi de R\$ 3,8 bilhões, um crescimento de 5,7% em relação ao trimestre anterior. No acumulado do ano fechamos esses primeiros nove meses com R\$ 10,9 bilhões, um retorno anualizado de 22,4% influenciado por um segundo trimestre mais fraco em relação ao primeiro e o terceiro trimestre deste ano. O segundo destaque seria o próprio crescimento da nossa carteira de crédito. Ela apresentou um crescimento nominal de 6,1% nesse terceiro trimestre. Se nós desconsiderarmos a desvalorização do real frente ao dólar nesse período, que influenciou o estoque de ativos em dólar de crédito que nós temos, esse crescimento teria sido de 3,5%, em linha com o crescimento do Sistema neste período. Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, o crescimento seria de 21,3%. Continuamos crescendo bastante nos segmentos tanto de pessoas físicas quanto de jurídicas, dentro da linha que nós temos de atuação do Banco. Vamos detalhar isso mais adiante. O terceiro ponto a se destacar seria a margem financeira com clientes. Ela atingiu R\$ 11,8 bilhões, teve um crescimento de 5,3% em relação ao período anterior e foi maior do que o crescimento da carteira de crédito. Se nós não considerarmos, como eu comentei antes, o efeito da desvalorização do real, essa margem cresceu 16,6% em relação ao mesmo período do ano passado. A margem financeira com o mercado alcançou R\$ 1,1 bilhão, ela foi acima do que tradicionalmente nós apresentamos. Foi um trimestre mais favorável em relação aos mercados e as decisões do Banco Central de redução de juros e tudo o mais. Além disso, houve a venda de 6,4 milhões de ações da CETIP, que foi anunciado pela própria companhia em um fato relevante, foi um bloco de ações que foram vendidas para o investidor. Essa venda trouxe um resultado contábil antes de imposto de renda de R\$ 151 milhões, que estão dentro desse R\$ 1,1 bilhão que foram apresentados. O quarto destaque é relativo aos nossos níveis de inadimplência. As despesas de provisão para créditos de liquidação duvidosa foram reduzidas em relação ao segundo trimestre deste ano, atingiram R\$ 4,97 bilhões, com uma redução em relação ao segundo trimestre de R\$ 136 milhões. É importante lembrar que desde o final do ano passado estamos atuando no modelo de perda esperada. Houve uma antecipação nos períodos anteriores a essas perdas, portanto só fomos capazes nesse trimestre de fazermos menos despesas do que no segundo trimestre deste ano. O índice de inadimplência total superior a 90 dias subiu 0,2 ponto percentual, atingiu 4,7% contra os 4,5% no segundo trimestre do ano. Aqui é importante realçar que se não tivesse ocorrido a desvalorização do real que aumentou a nossa carteira em dólares em reais, esse índice teria ficado em 4,8%. Portanto, a desvalorização ajudou na composição do número. Nós estamos vendo nesse trimestre, uma valorização novamente do real, portanto uma parte deste efeito será neutralizado no quarto trimestre deste ano. O quinto ponto a se destacar seria o nosso índice de eficiência. O índice de eficiência nesse trimestre atingiu 47,5%, com mais uma redução de 0,8 ponto percentual quando comparamos com o segundo trimestre do ano. Continuamos em uma tendência de melhoria desse índice, as receitas cresceram 6,6% e as despesas cresceram 5,7%. Esses 47,5% representam 3,1 pontos percentuais de melhoria sobre os 50,6% do mesmo período do ano passado. Continuamos melhorando, no acumulado do ano o índice de eficiência alcançou 47,8%, e continuamos firmes na nossa disposição de



atingirmos 41% no ano de 2013. As despesas não decorrentes de juros cresceram 5,7% em relação ao trimestre anterior. É importante observar que a tendência continua de queda do nível de despesas, quando comparamos em base anuais, nos nove primeiros meses atingimos 12,5% contra 19% do trimestre anterior. Continuamos acreditando que vamos encerrar o ano com o crescimento de despesas entre 8 e 10%, conforme foi colocado quando dos resultados do segundo trimestre. Um fator que não contribuiu para uma melhoria ainda maior do nosso índice de eficiência nesse trimestre foi que as receitas cresceram menos do que estávamos esperando nesse período. Isso em função do nosso *mix* de crédito estar se alterando, na medida em que nós estamos crescendo a carteira em segmento de menor risco, portanto de menor *spread*, e também um crescimento menor do que esperávamos nas tarifas bancárias e nas receitas de serviços. Nós esperamos que essas receitas de serviços e tarifas bancárias cresçam um pouco abaixo do *guidance* que nós tínhamos dado anteriormente - o *guidance* era de 14% a 16%. Estamos acreditando que este número ficará em torno dos 13% no acumulado deste ano. Portanto as receitas estão um pouco abaixo, as despesas estão melhores, mas o índice de eficiência não está em um nível que imaginávamos nesse momento, mas continuamos trabalhando, como eu disse, para atingirmos os 41% em 2013.

No página 4, alguns dos indicadores do resultado. O produto bancário atingiu R\$ 54,7 bilhões, um crescimento de 12,5% no período de doze meses. As despesas e os resultados de crédito de liquidação duvidosa caíram nesse trimestre, contudo cresceram 18,8% no acumulado de doze meses, atingindo R\$ 10,5 bilhões. Despesas não decorrentes de juros, como eu acabei de comentar, 5,7% no período trimestral e 12,5% no ano, clara tendência de declínio neste indicador. O lucro líquido recorrente, portanto, cresceu 13,2% em doze meses e 18,8% nesse trimestre, no resultado acumulado R\$ 10,9 bilhões.

Na página 5, o nosso *net interest margin* com os clientes atingiu 11,6% neste acumulado do ano. Ela cresceu no trimestre de 11,6% para 11,7%, cresceu 0,1 ponto percentual, mas no acumulado de doze meses ela apresenta uma queda em função desses fatores que já comentamos. As receitas de prestação de serviços então também crescendo em um ritmo um pouco menor, 10,7%. Como eu comentei, a gente espera que o acumulado no ano atinja 13%, no trimestre cresceram 3,2%.

O ROE no trimestre de 23,5%, um trimestre bastante bom, voltamos ao nível anterior de ROE que nós vínhamos apresentando. No acumulado do ano 22,4%.

No slide 6, os gráficos da nossa margem mostram a evolução e o pequeno crescimento nesse trimestre. A margem ajustada a provisões de riscos de crédito também apresentando uma pequena melhoria em função da nossa expectativa favorável em relação ao comportamento da nossa carteira de créditos nos próximos trimestres.



No slide 7, a gente vê a dinâmica da nossa carteira de crédito. Nós já renovamos ao longo de 2011, 57% da carteira e temos ainda praticamente 26% que foram créditos feitos no ano passado, que serão renovados ao longo dos próximos trimestres. Aqui dá para ver bem como é a dinâmica de carteira de crédito e das renovações que evidentemente variam em função dos prazos de empréstimos.

No slide 8, alguns destaques patrimoniais. Os ativos do banco atingiram R\$ 837 bilhões nesse fechamento de trimestre, cresceram 5,5%. O patrimônio líquido de R\$ 68 bilhões; a carteira de crédito, incluindo os avais e fianças, R\$ 382 bilhões; os recursos captados com clientes, incluindo aqui os recursos administrados pela Asset, R\$ 870 bilhões.

No slide 9, apresentamos composição dos nossos resultados. Resultado recorrente de R\$ 3,94 bilhões. Acho que aqui o destaque foi um crescimento maior da margem financeira com mercado, como já foi colocado, em um trimestre mais favorável e com os ganhos, com ações da CETIP. As despesas com provisão menores, 2,7% em relação ao trimestre anterior, e as despesas não decorrentes de juros também. Esta composição de resultados bastante favorável neste período acho que mostra a capacidade do Banco de reação em relação às operações de crédito. Em linha com que comentamos que eram as nossas expectativas quando foram divulgados os resultados do segundo trimestre onde nós colocamos que era um trimestre atípico. Acho que esse terceiro trimestre nós já voltamos, e é a nossa expectativa que sejam os níveis mais recorrentes de resultado.

No slide 10, empréstimos por tipo de cliente. A gente vê que o total de empréstimos da carteira de R\$ 382 bilhões, o crédito pessoal no trimestre continuou apresentando um crescimento importante - um crescimento de 10% nesse período. O crédito imobiliário continua bastante demandado, no trimestre cresceu 14,7% e nos doze meses 79,3% na carteira de crédito imobiliário para pessoas físicas. O segmento de pessoas jurídicas eu acho que o destaque vem de um crescimento menor da nossa carteira de pequenas empresas. Como nós colocamos, nós reduzimos já desde o início do ano o ritmo de concessão de crédito para pequenas e micro empresas. Isso foi bastante visível agora no terceiro trimestre, o segmento de grandes empresas cresceu 9%. O segmento de médias empresas cresceu também em um ritmo bastante normal, mas como nós reduzimos a carteira de micro e pequenas, o crescimento desse segmento de pequenas e médias empresas apresentou um crescimento de apenas 2,2%. Esses 2,2%, em função dessa redução da carteira de micro e pequenas empresas, que foi exatamente aquilo que nós comentamos que estávamos fazendo quando da divulgação do segundo trimestre.

No slide 11, os indicadores resultantes dessa carteira de empréstimos. A gente vê o índice médio de inadimplência de 90 dias em 4,7%. Teria sido 4,8% se não houvesse essa desvalorização do real que impactou e fez crescer a carteira em dólar de empréstimos. A gente vê que em pessoas jurídicas ficamos praticamente estáveis nesse período. E houve uma



deterioração do crédito de pessoas físicas que atingiu um nível de inadimplência de 6,3%. Se nós olharmos no quadro do lado, a inadimplência de 31 a 90 dias, nós vemos uma tendência de pequena melhora, o que nos faz bastante confiantes de que aquilo que falávamos que era o nível de inadimplência maior seria realizado no terceiro semestre, eu acho que provavelmente se confirmará no quarto trimestre. O índice de cobertura 156%, e o saldo de provisão para crédito de liquidação duvidosa R\$ 24,7 bilhões, sendo que disso R\$ 5,058 bilhões são revisões complementares, fruto do nosso modelo de perda esperada como foi adotado no final do ano passado.

No slide 12 nós vemos aqui alguns indicadores de créditos adicionais. A evolução das despesas então uma pequena queda nesse trimestre de R\$ 135 milhões em relação ao segundo trimestre. Operações em renegociação, feitas de acordo com a Circular 2.682 do Conselho Monetário Nacional e que são praticados aqui neste índice, elas representam 3,9% do total da carteira de créditos. Como já comentamos anteriormente, a maior parte disso se refere à renegociação da carteira de veículos, muito em função da logística mais complicada que é de retomar o veículo, fazer leilão e tudo o mais, uma renegociação em condições dessa circular do Conselho Monetário é mais apropriada e é mais benéfica para o banco.

No slide 13, recursos próprios e captados atingiram R\$ 1,117 trilhão.

No slide seguinte, a evolução da relação entre a carteira de crédito e as captações. Nós fechamos esse trimestre em termos de depósitos e empréstimos exatamente no mesmo nível. Se considerarmos nesse índice os depósitos compulsórios, teríamos 75,2% de depósitos em relação a empréstimos. Se tirarmos os compulsórios, que estão no Banco Central, nós estamos estáveis e continuamos vendo que depósitos, *funding* para empréstimos não é um problema para fazer o crescimento da carteira de crédito do banco.

No slide 15, temos a receita de prestação de serviços. Como eu comentei, ela está crescendo em um ritmo um pouco menor daquilo que a gente esperava. Reforçando aqui a ideia de que não vamos atingir o *guidance* anterior de 14% a 16%, mas devemos ficar em torno dos 13% nesse crescimento de receita.

No slide 16, as despesas não decorrentes de juros, continuamos atuando bastante fortemente aqui com a expectativa de um controle bastante rígido das despesas - cresceram 5,7% no trimestre e 12,5% no acumulado de doze meses. Reafirmamos que esperamos que esse número cresça entre 8% e 10% no acumulado de 2011, que é um nível de despesa bastante bom levando em conta que tivemos um dissídio de 9% na negociação salarial, estamos abrindo agências, plataformas, temos tido uma redução do quadro. Vocês vêem que o quadro em março era de quase 110 mil colaboradores, fechamos setembro com 106 mil. Evidentemente que a redução de quadro traz um aumento de despesas também imediato na frente, despesas legais, trabalhistas, isso impacta o volume de despesas. O primeiro impacto é





sempre negativo quando se há uma redução como está havendo do quadro. É importante realçar que deste quadro de 106 mil colaboradores, no Brasil são 99,8 mil e 6 mil estão localizados fora do país, nos bancos especialmente do cone sul onde nós temos operações de varejo. Então 99,8 mil para o volume e para o tamanho da nossa operação no Brasil também estão em um nível de eficiência bastante positivo.

Na página 17, o índice de eficiência e o mesmo índice ajustado ao risco. A gente tem, como eu comentei, conseguido ir melhorando esse índice tanto do índice tradicional, quanto do índice de eficiência ajustado ao risco. Acreditamos que ele continuará melhorando com o cenário que nós temos de inadimplência estável nos próximos trimestres.

O índice de Basileia, na página 18, é um índice bastante robusto, bastante confortável para que a gente possa continuar crescendo os nossos negócios e as nossas operações.

Enfim, eu acho que é um terceiro trimestre bastante positivo. Nós tivemos um segundo trimestre, que nós comentamos inclusive no *conference call* anterior, que ele foi aquém do nosso potencial. Acho que o Banco foi capaz nesse trimestre de retomar um desempenho bastante sólido, tivemos esse resultado de R\$ 3,9 bilhões recorrentes. Nós mostramos uma carteira de crédito que cresceu acima da média do Sistema e dos principais bancos de varejo. Eu acho que mostramos uma margem também com os clientes que retomou um crescimento pequeno, é verdade, mas um crescimento importante tendo em vista que nós estamos entrando com mais ênfase em carteiras menos arriscadas, porque evidentemente tem menos *spread*, mesmo assim mostramos um crescimento da margem com os clientes. Nossa inadimplência PDD dão sinais claros de que as provisões são bastante adequadas e estabilizadas no curto prazo. Eu acho que isso mostra que estamos bastante confiantes e reforça a nossa confiança de que os modelos de perda esperada que nós temos adotado já desde o final do ano passado está funcionando bastante bem, e são bastante adequados para o momento. Consideramos que o nosso nível de provisionamento, feitos de acordo com IFRS, com Basileia III, são bastante confortáveis. Eu acho que o modelo de perda esperada fez com que nós antecipássemos bastante as perdas anteriormente, o que possibilitou que nós fizéssemos menos provisões. Continuamos bastante confiantes de que, aquilo que nós falamos: de que no terceiro trimestre seria provavelmente o pico da inadimplência, eu acho que vai se confirmar, eventualmente possamos ter aí 0,1 ponto percentual no quarto trimestre, mas, enfim, os sinais são claros de estabilização. As despesas continuam bastante controladas. Eu acho que continuamos bastante comprometidos com a melhoria de eficiência do Banco nesse ano e no próximo para que a gente possa atingir os 41% no final de 2013. Enfim, eu acho que foi um balanço muito bom e que os relatórios dos analistas de um modo geral refletem essa grande melhoria que nós tivemos na nossa operação.

Estamos agora abertos às perguntas que vocês queiram fazer.

## Sessão de Perguntas e Respostas

**Sr. Marcelo Telles (Credit Suisse):** Bom dia Alfredo, bom dia Rogério. Obrigado pela oportunidade. Eu tenho duas perguntas principalmente. A primeira em relação à inadimplência. Como você bem falou, teve um aumento se a gente incluir o impacto do câmbio ajudou em 0,1% no índice de inadimplência. Eu vi ontem, pelo menos alguns *headlines* na Bloomberg dizendo que vocês estavam esperando um aumento de 20 *basis points* na inadimplência no quarto trimestre. Eu não sei se foi uma conferência à imprensa que vocês fizeram. Eu queria saber se esses 20 *basis points* incluem a volta desse efeito favorável do câmbio, dado que o câmbio voltou bastante do nível de fechamento do terceiro tri. A outra pergunta em relação à carteira renegociada. Não sei se vocês poderiam falar para a gente quanto dessa carteira renegociada, que percentual dela seria carteira vencida acima de 90 dias? Eu pergunto isso porque o Bradesco fez esse *disclosure* nas notas, se vocês pudessem compartilhar isso com a gente também seria bom. Na verdade só mais uma última pergunta em relação a crescimento de crédito para o ano que vem. Vocês cresceram ajustado por câmbio em torno de 3,5% no trimestre. Se a gente anualizasse isso daria em torno de uns 14,5%. O que a gente pode esperar de crescimento de crédito para o ano que vem para o Itaú, dado que vocês estão claramente adotando uma política muito mais conservadora de crescimento, principalmente, no segmento de mais alto risco? Obrigado.

**Sr. Alfredo Setubal (Itaú Unibanco):** Oi Marcelo. Em relação à sua primeira pergunta, quando nós comentamos no *conference call* com a imprensa que subiria algo em torno de 0,2 ponto percentual no quarto trimestre, leva em conta, sim, essa valorização de novo do real frente ao dólar. Evidentemente que vai haver esse impacto, mas alguma coisinha a gente ainda espera eventualmente em pessoas físicas, que possa levar esse índice, na nossa expectativa, abaixo dos 5%, entre 4,7%, 4,9%. Eu acho em tese, falando com o que a gente está vendo hoje, eu acho que seria um número que a gente acredita que vai se estabilizar. Não estamos vendo nada, nenhum sinal, nenhum sintoma de que a inadimplência vá se deteriorar. A gente olha os atrasos, como as carteiras vêm se comportando, nada indica que nós estamos entrando em períodos de maior turbulência em relação à carteira de crédito. Acho que pode ter mais 0,1 ponto percentual aí, além dessa volta do câmbio, e um número assim de 4,9% eu acho que é um número bastante razoável de se esperar para esse quarto trimestre. Em relação ao crescimento, a sua terceira pergunta, eu vou pular a segunda por enquanto. Em relação a sua terceira pergunta, eu acho que a nossa expectativa é de um crescimento do PIB o ano que vem em torno de uns 3%, este é o cenário que a gente tem trabalhado, 3% e um pouquinho, o que levaria que a gente esperasse um crescimento da carteira de crédito ao redor dos 15%, pensando em uma inflação de 6% e pouco, o PIB crescendo em 3% e pouco, quer dizer, 1,5 vez um PIB nominal eu acho que é o número que a gente continua trabalhando aqui internamente como o potencial de crescimento do



ano que vem. Crédito imobiliário deve continuar bastante aquecido, grandes empresas também eu acho que é um segmento que vai crescer, média também acho que é um segmento importante. É evidente que grandes empresas têm *spreads* menores, sempre lembrando, mas eu acho que o mercado internacional mais volátil, mais incerto, a gente tem sentido empresas usando mais crédito local. Enfim, eu acho que 15% em um *mix* de menor risco que a gente tem feito ao longo dos últimos trimestres é um número que nós continuamos trabalhando. Em relação à segunda questão, eu vou passar aqui para o Rogério que está pegando alguns dados para poder responder melhor para você.

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Oi Marcelo, ainda em relação à ao comentário do Alfredo sobre a terceira pergunta, só lembrando que nós anunciamos as diretrizes, as perspectivas para o ano um conjunto com os nossos números para o ano encerrado em 2011, isso vai acontecer no começo de fevereiro, o processo de preparo dos planos de negócios para o ano que vem estão sendo encerrados. Esta é a perspectiva que o Alfredo comentou, é naturalmente uma perspectiva bastante dinâmica nesse momento em que os mercados internacionais que estão em bastante ebulição, mas esta é a nossa visão neste momento. Em relação, agora sim, a sua segunda, Marcelo, nós incluímos no MD&A, na página 23 que a cobertura da provisão sobre a carteira vencida há mais de 90 dias dos créditos em renegociação representa 141%, e resulta em um nível de 30%, a sua pergunta diretamente, a resposta é 30%. Em setembro esse nível historicamente tem se situado entre 25% a 30%, nesse último trimestre ele se manteve em 30%, estável.

**Sr. Marcelo Telles (Credit Suisse):** Perfeito, excelente. Muito obrigado Alfredo, obrigado Rogério.

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Obrigado.

**Sr. Carlos Firetti (Bradesco Corretora):** Bom dia a todos. Tenho duas perguntas, a primeira é em relação a despesa com provisionamento. Esse trimestre a gente teve uma redução importante do crescimento, como vocês falaram, por conta das características do modelo de vocês. Eu queria saber o que a gente pode esperar daqui para frente, dada essa expectativa que vocês mencionaram de crescimento do NPL de 10 a 20 *bps*, e considerando a forma como funciona o modelo de vocês, o que a gente poderia esperar? Um crescimento em linha com a carteira ou ainda abaixo da carteira? E a segunda pergunta é em relação à margem com o mercado. A gente sabe que dentro dessa margem, além dos ganhos de *trading*, vocês têm os ganhos mais estruturais por conta da administração do *gap* que é feito pela tesouraria. Vocês sempre falam uma média que a gente pode usar em termos de resultado para isso, alguma coisa se eu não me engano perto de R\$ 700 milhões. Mas considerando a tendência de queda de juros e os posicionamentos de vocês em termos de *hedge*, é justo a gente dizer que este resultado deve continuar alto por talvez uns três trimestres ainda para frente? Estas são as questões. Obrigado.



**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Oi Firetti, bom dia, é o Rogério, eu vou endereçar a sua primeira pergunta e depois o Rudi o fará na segunda. A nossa despesa com devedores duvidosos vem em linha com as provisões, são feitas em um critério já bastante consolidado, um critério consistente com base em perdas esperadas. Aliás, esta é a razão pela qual nós antecipamos provisões, e vocês observaram isso no primeiro trimestre. No segundo trimestre, embora a provisão complementar não tenha sido acrescida, houve um crescimento da provisão genérica. Se você considerar os dois movimentos, você vai concluir a razão pela qual nós não temos que fazer nenhuma provisão adicional ou complementar neste momento na medida em que nós estamos atingindo o pico de NPL. A partir de agora tem um movimento ainda pequeno sobre o qual nós comentamos na resposta anterior, mas a partir de agora nós devemos ver uma evolução para o outro lado do ciclo, portanto favorável, não há razão para acrescentarmos provisionamentos nesse momento com base no nosso modelo de provisionamento. Olhando as despesas e olhando para frente nós devemos esperar um comportamento em linha com o crescimento de carteira, à medida que é esse que deve ser o comportamento da inadimplência que se vislumbra.

**Sr. Rodolfo Fischer (Itaú Unibanco):** Bom dia. Em relação a sua pergunta sobre o resultado com mercados, de fato o resultado do terceiro trimestre foi acima do nosso *guidance* em média, assim como o resultado do segundo trimestre foi abaixo. De fato a gente pode esperar uma continuidade de alguma tendência no mercado, mas o resultado da tesouraria é uma resultante de vários fatores dos quais posições de *trading*, nas posições de *hedging*. O nosso *guidance* é que em média o resultado trimestral deva seguir entre R\$ 800 e R\$ 900 milhões. Nós não esperamos resultados, pelo menos a priori, maiores ou menores, como de fato ocorreram no segundo e no terceiro trimestres. O que nós esperamos é na média que esse resultado permaneça nesse nosso *guidance* que já é antigo e tem se revelado, obviamente com alguma volatilidade que é esperada no resultado de mercados, por volta desse valor médio.

**Sr. Carlos Firetti (Bradesco Corretora):** Se vocês me permitirem só mais uma pergunta? Em relação à carteira de pessoas físicas, quando a gente olha o NPL de pessoas físicas teve um crescimento de 50 *bps* no trimestre. Esse crescimento pode ser explicado por que fatores ou de onde vem principalmente essa deterioração?

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Ele se dá em geral, eu acho que enriquece o seu questionamento, ele se dá em geral em todas as carteiras com exceção do consignado e do crédito imobiliário, porque naturalmente são carteiras de menor risco que apresentam uma performance completamente diferente desta, mas são também carteiras muito pequenas no nosso caso - eles servem como redutores desse movimento total da carteira, mas como para nós ainda são carteiras muito pequenas, esse redutor é pequeno. Quando nós olhamos os 50 *basis points* eles decorrem daquela explicação



que nós vínhamos dando nos trimestres anteriores: em função de uma inflação maior, do aumento de juros verificado no começo do ano, há uma pressão maior sobre a renda disponível para os indivíduos e, portanto, se apresenta um *default* maior, evidentemente isso se dá mais nas classes de renda mais suscetíveis a essas oscilações de curto prazo. O que nós verificamos no terceiro trimestre eu acho que mais bem observado é se você pegar o período todo acumulado porque ele é maior no terceiro tri (são 50 *basis points*), mas se você pegar o ano todo até agora foram só 50 *basis points* no ano até agora, bastante próximo do que nós tínhamos mencionado de 30 a 40 *basis points* e abaixo do que está sendo verificado no Sistema, e em linha com alguns outros *players* do Sistema que têm carteiras inclusive de menor risco quando olhamos as carteiras de indivíduos.

**Sr. Carlos Firetti (Bradesco Corretora):** Ok, muito obrigado.

**Sr. Fabio Zagatti (Barclays Capital):** Oi, bom dia a todos. Eu gostaria de fazer um *follow-up* ainda na questão de qualidade de crédito. A gente nota a comunicação de vocês é bastante confiante no sentido de que não há nenhum tipo de preocupação adicional de deterioração da carteira. Ao mesmo tempo vocês estão efetivamente mudando o *guidance* que vocês tinham anteriormente, mesmo que seja marginal, o *guidance* de deterioração mudou para o quarto trimestre. Eu queria entender o que é fato: vocês estão sendo mais conservadores e, de repente, se vocês pudessem dar um pouco mais de detalhe, quais as premissas que estão por trás desse *guidance* e pequena deterioração na qualidade da carteira no quarto tri? Ou se de fato, quer dizer, houve uma mudança de *guidance* por que vocês realmente imaginam que tenha um risco de que emprego e renda, que são variáveis que a gente já viu recentemente que estão em uma dinâmica um pouco mais preocupante, ainda mais combinada com a inflação alta, pudessem levar a uma deterioração desse perfil da carteira. Depois eu teria uma segunda pergunta sobre eficiência, obrigado.

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Fabio, Rogério, bom dia. Não, não há nenhuma mudança em relação ao nosso *guidance*. Independentemente de qualquer afirmação sobre *guidance* ou não, é muito fácil verificar mudanças de expectativa no nosso *guidance* na medida em que a nossa provisão é com base em perda esperada. Complementos nessa provisão é que identificam como é que nós estamos vendo as perspectivas futuras. Nós antecipamos as provisões na medida em que nós vislumbramos uma deterioração futura de carteira. Desde o primeiro trimestre, quando isso foi verificado e nós fizemos o complemento dessa provisão para perdas esperadas futuras, nós já não fizemos mais. Desde então essa provisão vem sendo mantida, mas, de fato, ela é consumida pelo crescimento da carteira, tem um consumo econômico nela. O que nós estamos verificando agora é a confirmação do que tínhamos visto anteriormente. Alguns outros indicadores mostram claramente isso. Nós temos o NPL crescendo para um pico um pouco acima, é verdade, do que nós tínhamos dito antes, mas é uma oscilação muito pequena, 10 ou 20 *basis points*, é um erro natural porque você tem outras oscilações quando se mede o NPL ratio. Você tem



oscilações importantes que é o *write-off* da carteira, o crescimento da carteira, a velocidade dela um pouco maior acaba reduzindo o NPL, a evolução do NPL ratio, um pouco menor acaba determinando uma evolução um pouquinho maior. Estes outros movimentos também afetam esse "acertar na mosca" é difícil, mas a tendência é completamente aquela que nós tínhamos observados anteriormente. Sérgio, você quer comentar alguma coisa sobre o macro cenário?

**Sérgio Werlang (Itaú Unibanco):** Do ponto de vista macroeconômico a gente ainda vê os números do Banco Central de inadimplência pessoa física em média tendo uma ligeira deterioração. E a partir de meados do ano que vem começa uma queda também olhando do ponto de vista macroeconômico os impactos todos acumulados ao longo do tempo, das medidas de restrição de demanda que o Banco Central fez a partir de dezembro do ano passado, e os aumentos da taxa de juros ainda estão tendo efeito sobre a economia.

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Eu acho que também Fabio, ainda comentando, eu acho que o que também pode eventualmente gerar alguma dificuldade maior de interpretar essa tendência é o fato de que a cobertura nossa de provisão cai. Só que se a gente analisar o que é um ciclo de crédito é absolutamente natural que conforme o NPL vai subindo, você perca cobertura. Assim como é natural que com o NPL decrescente essa cobertura se expanda. Se você olhar as duas curvas de cobertura e comparar com a curva de NPL, você vai encontrar uma convergência completa, ciclicamente completa no nosso caso. Se você derivar dessa análise o nosso nível de cobertura sobre provisão específica - que é de fato aquela incorrida, a perda incorrida já segundo os critérios do Banco Central - você vai ver que ela se manteve praticamente o ano todo no mesmo nível, ela caiu dois pontos percentuais. Se você observar a mesma cobertura olhando, por exemplo, a cobertura sobre créditos vencidos de E a H, mas tirar o H, essa cobertura é absolutamente estável no nosso caso. Não faz sentido deixar o H quando você analisa cobertura porque o H está provisionado 100%. Não faz sentido fazer provisão adicional sobre algo que já está 100% provisionado, ninguém perde mais que 100%. Então a análise, se você subtrair a linha H, você vai ver que a nossa cobertura é também bastante estável durante o período, confirmando claramente os nossos modelos, eles só vem sendo confirmados e nós estamos absolutamente confiantes com o nível de provisão por causa disso. Quando você mencionou na sua pergunta "o nosso nível de confiança", ele vem de tudo isso. São números, são análises, não é torcida.

**Sr. Fabio Zagatti (Barclays Capital):** Tá certo, está bem claro. E a minha segunda pergunta é sobre eficiência. Eu gostaria de saber se vocês poderiam nos dar um pouco mais de visibilidade na evolução da melhora do índice de eficiência. A partir de que momento vocês imaginam que os efeitos das sinergias e da maior eficiência de custos se traduzirão em maior rentabilidade para o Banco? Obrigado.

**Sr. Alfredo Setubal (Itaú Unibanco):** Fabio, é o Alfredo. Acho que nós já estamos neste caminho, não vai ter um *turning point* adicional. Eu acho que à



medida que a gente vá, e este é o nosso objetivo, manter os níveis de despesas muito próximos aos níveis de inflação, nós vamos mostrando retornos maiores. Eu acho que a eficiência maior será muito importante em um cenário bastante possível, quem sabe até provável olhando alguns anos à frente, de queda de juros e queda de *spreads*. Então eu acho que se a gente não trabalhar bastante no controle de despesas para que a gente tenha esses índices de eficiência, vai ser difícil nós mantermos os retornos que a gente quer, que é esse de 23% a 25%. Para manter o retorno de 23% a 25% nós temos que ter índice de eficiência nesses níveis, nós temos que ir melhorando a eficiência na medida em que os *spreads* e os juros vão caindo, se não a equação não fecha. Para nós é fundamental que a gente atinja esses níveis ao longo dos próximos anos para ir compensando volumes com as quedas de *spreads* e taxas de juros. Então eu acho que tem que ser por aí, a nossa visão é essa: nós temos que compensar a queda de juros e *spreads* com um índice de eficiência melhor para manter os retornos entre 23% e 25%.

**Sr. Fabio Zagatti (Barclays Capital):** Excelente Alfredo, muito obrigado.

**Sr. Carlos Macedo (Goldman Sachs):** Bom dia senhores, parabéns pelo resultado. Eu tenho um par de perguntas. A primeira na verdade é sobre o crescimento do crédito pessoal, se vocês pudessem dar um pouco mais de detalhes. Essa linha vem crescendo com alguma velocidade, eu queria entender a composição disso - esse é mais consignado ou se tem linhas de cheque especial ou outras linhas de crédito de pessoal? E não só dado a posição do Itaú agora, mas também a visibilidade que tem para o ano que vem com a desaceleração da economia e o fato de que em uma boa parte dessas linhas não têm nenhuma garantia como a de automóvel tem. A segunda pergunta tem a ver também com despesa. Se vocês pudessem dar um pouco de visão mais do lado da despesa em si. Vocês falam muito de eficiência e que vai ter uma melhora, dado que mais para o ano que vem, dado que as despesas vocês têm muito mais controle do que a receita, eu diria, no curto prazo, qual é a visibilidade que a gente tem para a despesa no ano que vem? Vai ser um crescimento parecido com o deste ano, vai ser um pouco mais forte? Se vocês pudessem dar um pouco de cor eu ficaria agradecido. Obrigado.

**Sr. Alfredo Setubal (Itaú Unibanco):** Carlos, nós estamos trabalhando com nível de despesa para o ano que vem em torno da inflação, este é o nível que a gente imagina ser factível. Já estamos devendo porque o dissídio foi mais alto, temos aí abertura de agências, então nós vamos ter que compensar abertura de agências, dissídio que já é um dado certo até setembro com um controle maior de outras despesas. Nós não vamos parar de crescer o Banco, portanto vamos abrir algo em torno de 150 agências o ano que vem, vamos continuar expandindo a operação e nós vamos ter que buscar eficiência de despesas em outras contas. Nós temos testado o projeto de eficiência aqui dentro, está funcionando, está em um ritmo bom. Temos identificado coisas que dá para melhorar e vamos buscar, temos que buscar isso conforme eu coloquei como premissa da questão anterior.



**Sr. Carlos Macedo (Goldman Sachs):** Certo.

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Carlos, em relação ao crédito pessoal, que foi sua primeira pergunta, o principal crescimento que vem daí se deriva do movimento de integração Itaú Unibanco. Durante o processo de integração, em função de dificuldades de plataformas e tal, nós não pudemos crescer na mesma velocidade essa carteira de crédito pessoal. Nós estamos falando aqui do aproveitamento do nosso potencial de crescimento nas carteiras de correntistas basicamente, e basicamente daqueles que vinham da rede do Unibanco. Embora, é verdade, sejam créditos que têm um contexto, uma segurança de crédito menor do que automóvel, crédito imobiliário, nós estamos falando aqui não em crédito em "mar aberto", nós estamos falando da carteira de correntistas. É uma carteira que apresenta este nível maior de risco, é remunerada para tal e dá um retorno ajustado ao capital muito atrativo, razão pela qual tem sido estimulada.

**Sr. Carlos Macedo (Goldman Sachs):** Então, Calderón, será que eu poderia dizer que isso aí talvez o ano que vem ajude a segurar a margem, mas também não permita necessariamente uma melhoria tão grande assim da inadimplência?

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Olhando para margem.

**Sr. Carlos Macedo (Goldman Sachs):** Dá para uma carteira pequena.

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** É uma carteira pequena, mas, enfim, a contribuição dela para a margem como um todo é nesse sentido que você falou, razão pela qual nós sempre orientamos nesse momento, em particular nesse momento em que o nosso *mix* de carteira tem se alterado, nós estamos reduzindo a exposição em empresas menores e aumentando a exposição em outras áreas de risco, nós sempre preferimos orientar a tendência para a evolução da margem ajustada ao risco exatamente por causa dessas imprecisões que um movimento maior ou menor em um dos elementos da carteira pode causar. Olhando esta contribuição específica no todo, você tem razão, a tendência deve ser dessa forma que você registrou.

**Sr. Carlos Macedo (Goldman Sachs):** Perfeito. E só voltando à primeira pergunta, só para esclarecer a resposta do Alfredo. Eu sei que vocês ainda não deram *guidance*, mas a inflação é para o ano que vem, então a gente está pensando algo como 6% e 6,5% seria um ponto de partida antes do *guidance* praticamente?

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** O nosso *guidance* de longo prazo na despesa sempre é em linha com a inflação, que é um *guidance* por si só desafiador. Nós estamos falando de circunstâncias de crescimento mantendo a despesa limitada ao crescimento da inflação. Ou seja, "financiar" o crescimento do Banco com ganhos de escala, ganhos de eficiência nos outros setores mais amadurecidos de forma que a despesa cresça em linha





com a inflação. É isso mesmo, esta é a nossa perspectiva. No começo de fevereiro anunciando o *guidance* nós vamos ter um ajuste fino, se a inflação vai ser 5,6% e a nossa despesa 6,5% ou 4,5%, nós veremos daqui um pouquinho, é em torno disso, sim. Eu acho que a possibilidade, por exemplo, de que ela atinja dois dígitos, a essa altura é descartada.

**Sr. Carlos Macedo (Goldman Sachs):** Ou seja, vai ser melhor do que o 8% a 10% que vocês estão dando como *guidance* para este ano?

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Vai ser melhor, o Alfredo está me afirmando que vai ser melhor, mas vai ser pelo menos de 8% a 10%, Carlos.

**Sr. Carlos Macedo (Goldman Sachs):** Tá bom, obrigado.

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Obrigado.

**Sr. Jorg Friedmann (Merrill Lynch):** Obrigado pela oportunidade. Bom dia Alfredo, Rogério, Rudi. Eu peço desculpa se eu vou me repetir aqui, eu não peguei o iniciuzinho do *call*, eu tenho dois pontos que eu gostaria de explorar e entender melhor. Eu vou começar com o primeiro que eu acho que é bem rápido. Vocês continuam tri após tri mostrando ainda uma alíquota de imposto de renda talvez inferior a dos seus *peers*. Como vocês vêem o consumo desses créditos tributários ao longo do ano de 2012? O que vocês conseguiriam já adiantar para a gente do potencial impacto na alíquota para 2012? Depois eu faço a minha segunda pergunta, obrigado.

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Oi Jorg, Rogério. A expectativa de realização deste adicional de crédito de contribuição social que nós ainda temos oscila um pouco em função da base fiscal e com a oscilação do câmbio, por exemplo, isso se altera bastante porque nós temos uma proporção de investimentos grande no exterior, então isso oscila um pouco a perspectiva. Também acredito que nós possamos daqui a dois meses, no momento do *call* ter um pouco mais de precisão disso. Eu diria que é possível, eu diria que é até razoavelmente possível que ela possa se manter durante 2012 no mesmo patamar que tem, estendendo um pouco mais a expectativa que nós tínhamos anteriormente de consumo desse crédito. Portanto em 2012 provavelmente ratificar em dois meses, mas provavelmente nós manteremos a mesma taxa efetiva de imposto de renda.

**Sr. Jorg Friedmann (Merrill Lynch):** Perfeito, obrigado. A segunda pergunta é em relação à receita de serviços. Gostaria de entender como vocês vêem a performance do Banco, vis-à-vis o *guidance* para este ano? E também entender qual é expectativa preliminar, sei que vocês estão começando a fazer o estudo do *budget* para 2012, mas eu entendo que grande parte dessa expectativa positiva para 2011 veio de aumento de algumas tarifas. Dada a performance da inflação deste ano, se essa expectativa também pode vir a ser positiva para 2012? Obrigado.



**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Nós estamos quase falando mais sobre 2012 do que sobre esse trimestre nessa teleconferência. Mas primeiro endereçando o que está mais fácil - que é a nossa perspectiva para 2011 nesta linha. Nós estamos nove meses acumulados com crescimento de 10,7%. Há uma aceleração na nessa linha no quarto trimestre. Ela vai crescer, as operações crescem no quarto trimestre em função de tudo o que nós conhecemos. Uma parte importante dessa linha para nós é operação de cartões de crédito, inclusive o que vem de contribuição da Redecard. Os sinais têm sido positivos, vocês viram a performance, como tem performado a Redecard, enfim, tudo isso nos leva a crer que há uma aceleração no quarto trimestre dessa linha. O crescimento acumulado no ano será maior do que nós registramos até agora (próximo de 11%), deve fechar em torno de 12,5%, talvez 13%, aquém da nossa perspectiva inicial que era de 14% a 16%, ao longo do ano nós já tínhamos direcionado mais as expectativas para 14%, deve ficar em torno, próximo de 13%. Um elemento importante a registrar de porque não chegamos lá, tem a ver sempre, com a mudança do *mix* da carteira, porque isso é um elemento muito grande, mas há de se observar também as oscilações e um resfriamento maior que o mercado de capitais ofereceu este ano, o que reduz todas as operações de IPO, *follow-on*, *merger and acquisitions*, etc e o que leva a uma contribuição um pouco menor do banco de investimentos na nessa linha também. Mas é um desempenho bom, é um desempenho ali entre 12,5% e 13% no ano, portanto acelerando no quarto trimestre. Para 2012 eu acho que nós deveríamos aguardar. Esta é uma linha que os *businesses plans* agora em desenvolvimento podem alterar significativamente a previsão que a gente tem, neste momento eu prefiro esperar um pouquinho para endereçar esse assunto, Jorg, desculpe.

**Sr. Jorg Friedmann (Merrill Lynch):** Não, tudo bem, está entendido. Eu só queria entender se parte da expectativa positiva deste ano também era devido a uma expectativa um pouco maior de inflação. Só para entender o racional por trás de como vocês olham esse crescimento, e daí eu posso tirar as minhas próprias conclusões para 2012.

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** O componente “inflação” não contribui, enfim, para este nosso cálculo aqui. O Alfredo está reafirmando que nós acreditamos na inflação dentro da banda tanto em 2011, provavelmente em 2011 bem no topo dela, em 2012 um pouco abaixo do nível que nós temos aqui, ou seja, não é uma variação que mudaria muito, não seria um elemento que marginalmente mudaria muito a nossa perspectiva. É realmente volume de operações, crescimento da base de clientes, ampliação de agências, a atividade de cartão de crédito (tanto o uso dela, como uma penetração maior), outros produtos crescendo e a contribuição de cada um em relação à tarifa é diferente. Obrigado.

**Sr. Jorg Friedmann (Merrill Lynch):** Mais volume do que preço, ok. Obrigado.

**Sr. Gustavo Schroder (Banco Espírito Santo):** Bom dia a todos. Eu queria só voltar um pouquinho na questão de micro e pequenas empresas, a gente



tem visto que vocês têm reduzido a exposição nesse segmento, principalmente depois dessa deterioração que a gente viu na qualidade da carteira desse segmento especificamente. Eu queria que se vocês pudessem falar um pouquinho de como é que vocês veem esse segmento? O que a gente pode esperar em relação a esse segmento especificamente daqui para frente? Obrigado.

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Oi Gustavo, Rogério. Tem uma afirmação importante aqui: nós continuamos com um foco muito forte em micro, pequenas e médias empresas. Naturalmente dependendo das pressões inflacionárias e do cenário nós podemos ser mais restritivos ou menos restritivos em uma ou outra categoria. A tendência natural é que nós continuemos nessa linha atual, do nível de garantias que foi acrescentado desde o início do ano (de fato desde novembro do ano passado), que registra uma redução no crescimento dessas áreas, mas elas continuam com crescimentos, sim. Como nós estamos em um *turning point*, o que se registra agora é uma desaceleração da carteira específica de pequenas e médias empresas. Quando ela vira ciclo normal, ela vai crescer em uma velocidade mais controlada, mas vai continuar crescendo, continuamos com o foco.

**Sr. Gustavo Schroder (Banco Espírito Santo):** Ok, obrigado.

**Sr. Marcelo Henriques (BTG Pactual):** Oi pessoal, bom dia, tudo bem? A pergunta é mais na margem financeira. Queria entender um pouco na visão de vocês como é que o ambiente novo de taxa de juros para frente afeta a margem de vocês? Nos primeiros nove meses a gente obviamente conviveu com uma taxa de juros que com certeza vai ser maior do que os próximos nove meses. Como a renovação da carteira de vocês foi relativamente rápida, pelo que eu ouvi mais ou menos quase 60% da carteira foi originada este ano, eu queria entender um pouco do comportamento futuro nesse novo ambiente de taxa de juros mais baixo? E se o *spread* na originação está sendo afetado e de que forma? Obrigado.

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Nós olhamos para frente, Marcelo, olhamos para frente considerando ter um pouco de movimento em *spreads*, é ligeiro, mas têm um pouco de movimento crescente do *spread*. Eu me refiro não ao *spread* de originação neste momento, eu me refiro ao *spread* da carteira - que é o que alimenta a perspectiva do *net interest margin*. Como houve essa renovação grande da carteira ao longo de 2011, e você bem observou, nós temos a esta altura uma contribuição muito pequena na média da nossa carteira de safras originadas antes de 2010. Então a tendência que nós vemos é uma tendência positiva sobre esta análise. No entanto nós temos do outro lado uma mudança de *mix* e que é uma mudança importante. Nessa renovação de carteira entram muito mais contribuições, proporções de carteiras que, por exemplo, pessoas jurídicas que trazem um *spread* menor no *mix* total. Razão pela qual é difícil anunciarmos neste momento qual é a tendência de comportamento da *net interest margin* antes do ajuste pela provisão. Razão pela qual nós temos orientado mais as análises no sentido de observar o comportamento da margem depois da provisão por causa da



mudança do *mix*. Depois da provisão nós entendemos que esta margem é bastante resiliente, com uma tendência, inclusive de ligeira melhoria, nada excepcional, mas aos poucos, de acordo com a melhoria da inadimplência ela deve observar um pouquinho aí.

**Sr. Marcelo Henriques (BTG Pactual):** Só um *follow-up* para entender um pouco melhor. Esquecendo o efeito de *mix* e olhando especificamente carteira de forma individual, na margem os *spreads* continuam subindo? Como é que você está vendo o ambiente de *spread* na conta de originação?

**Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco):** Provavelmente no ano que vem eles estarão menores, os juros estão menores, a expectativa de juros é menor, a taxa futura de juros é sensibilizada, a formação do *spread* tende a uma redução item a item.

**Sr. Marcelo Henriques (BTG Pactual):** Ok, obrigado.

**Sr. Luis Adaime (York Capital):** Oi, bom dia. Os outros bancos listados têm comentado que deve ter algum tipo de resolução ou definição do Banco Central sobre o uso de crédito tributário para cálculo da Basileia até o final do ano. Deram uma ideia do impacto de mais ou menos, de potencialmente de 200 a 300 pontos no capital Tier I dos bancos. Vocês vêem o mesmo tipo de impacto? É uma ideia de quando a gente deveria ter uma definição sobre o tema?

**Sérgio Werlang (Itaú Unibanco):** Sérgio Werlang aqui. Em relação à Basileia III, o Banco Central ainda não se manifestou sobre os detalhes da implantação. Até agora o que sabemos é o que está divulgado, ele vai adotar o mesmo cronograma de descontos que Basileia III, que o *Financial Stability Board* seguindo o BIS sugeriu.

**Sr. Luis Adaime (York Capital):** Vocês têm uma ideia preliminar de como poderia impactar o seu índice de Basileia?

**Sérgio Werlang (Itaú Unibanco):** Depende muito do tratamento que foi dado ao crédito tributário. Você sabe qual é o nosso crédito tributário sobre o patrimônio líquido, o ágio está sendo consumido com uma certa velocidade, e no máximo hoje, se não houver nenhuma mudança da regra, no máximo 10% do total do capital poderá ser considerado crédito tributário transitório. É só fazer essa conta, eu não tenho o número de cabeça aqui.

**Sr. Luis Adaime (York Capital):** Ok, obrigado.

**Sr. Alfredo Setubal (Itaú Unibanco):** Obrigado pela participação de vocês. Eu acho que tivemos um bom trimestre, eu acho que em linha com aquilo que a gente vem falando. Continuamos confiantes quanto às perspectivas futuras do Banco no que diz respeito a crescimento de receita, despesas, bastante confortáveis com o atual nível de inadimplência. Enfim, eu acho que temos



uma operação muito sólida, muito alinhada e muito atenta às oportunidades de mercado, com o que está acontecendo. Temos plena confiança que continuaremos tendo resultados de retorno para os nossos acionistas bastante elevados nos próximos trimestres. Temos em seguida a nossa conferência em inglês, às 11h30, aqueles que quiserem acompanhar iniciaremos em breve. Muito obrigado.

**Operadora:** A teleconferência do Itaú Unibanco Holding está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia. Obrigada.

---